

ECOSSOCIOECONOMIA E TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA (TBC): entrevista
com Carlos Alberto Cioce Sampaio



Entrevistado:

Carlos Alberto Cioce Sampaio - Administrador/PUCSP, mestre e doutor em planejamento e gestão organizacional para o desenvolvimento sustentável/UFSC com estágio *sandwich* em Economia Social/EHESS (França). Pós-doutorado em Ecosocioeconomia/UACH (Chile), Cooperativismo Corporativo/U.Mondragon (Espanha) e Ciências Ambientais/WSU (USA). Pesquisador de Produtividade/CNPq. É professor dos Programas de Pós-Graduação (PPG) em Desenvolvimento Regional/FURB e Governança e Sustentabilidade/ISAE. Colabora como professor nos PPGs em Meio Ambiente e Desenvolvimento/UFPR e em Ciências Ambientais da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), na Amazônia legal, e como visitante do PPG em Ciências e Tecnologias Ambientais (UNIVALI). Coordena o Núcleo de Ecosocioeconomia (UFPR) e em parceria o Núcleo de Políticas Públicas (FURB). Vice-presidente da *Fundación Manfred Max-Neef* (Chile). Coordenador (2016-2018) e Coordenador Adjunto (2012-2016) da Área de Ciências Ambientais/CAPES. Membro do Conselho Técnico



Superior (CTC) ampliado/Capes entre 2016 - 2018. Foi membro do Comitê Consultivo de Planejamento Urbano e Regional/F. Araucária. Realizou estágios com dois pesquisadores seniores renomados, Manfred Max-Neef (ganhador do Prêmio Nobel Alternativo) e Ignacy Sachs (um dos criadores do Ecodesenvolvimento), além do estágio no Complexo Cooperativo de Mondragón, País Basco, exemplo paradigmático global de cooperativismo, 2009. *Fulbright Foundation Scholar* (EUA), 2015. É pioneiro em pesquisas teóricas e empíricas sobre o tema Eossocioeconomias das Organizações, compreendendo Planejamento e Gestão Organizacional para o Desenvolvimento Territorial Sustentável, e Arranjos Institucionais e Socioprodutivos de Base Territorial e Turismo de Base Comunitário na América Latina.

Entrevistadora:

Manon Garcia - Doutora em Gestão Urbana (PUCPR - 2015), Mestre em Gestão Urbana (PUCPR - 2014), Bacharel em Administração, especialista em marketing, logística e metodologia para EaD. Coordena o curso de Gestão Pública no Centro Universitário Internacional UNINTER. Pesquisadora no Núcleo de Eossocioeconomia (NEcos), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento (PPGMade) e ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Sustentável (PPGDTS), ambos da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

A proposta desta entrevista é apresentar como o turismo de base comunitária se relaciona com o enfoque da eossocioeconomia. A entrevista descrita abaixo foi baseada em artigos sobre o tema, produzidos pelo entrevistado como autor principal¹, e complementada por entrevista remota.

1. Professor Carlos Sampaio, como podemos compreender o turismo de base comunitária (TBC)?

¹ Texto na íntegra: SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce et al. Turismo comunitário a partir de experiências brasileiras, chilenas e costarrriquenha. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, v. 8, n. 1, p. 42-58, 2014.



O turismo de base comunitária é uma estratégia para que populações tradicionais, independente do grau de descaracterização que podem ter frente à hegemonia das sociedades urbanas industriais, sejam protagonistas de seus modos de vida próprios, tornando-se uma alternativa possível de experimentação ao modo de vida materialista-consumista predominante nos espaços urbanos.

Trata-se de uma teoria pensada a partir das experimentações, das complexidades do cotidiano, das contradições inerentes à mudança paradigmática que se deseja quando se pensa nas limitações do utilitarismo econômico e que, muitas vezes, não se dá infelizmente na velocidade que se deseja. O desafio se coloca, como preservar a lógica comunitária dessas experiências de TBC sem perder sua dinâmica própria na ocasião que se inserem na economia de mercado.

Cabe ressaltar que há diferença entre o TBC e o chamado turismo comunitário. Baseado na obra de livre docência da professora Francisca de Paula (UNEB), o turismo comunitário ainda que seja uma iniciativa bem-vinda, mas as comunidades não possuem o protagonismo no momento de conceber o turismo no território. Normalmente, elas são convidadas para participar como atores do trade turístico.

2. O que difere o TBC de outras modalidades de ecoturismo, que integram as mesmas características?

Embora o TBC tenha como eixo norteador integrar vivências, serviços de hospedagem e de alimentação, o que a priori não o diferencia das três modalidades de turismo, bem difundidas, agroturismo, ecoturismo e turismo cultural, ainda assim apresenta características distintas.

A primeira de característica sistêmica que o diferencia, trata de entender a atividade turística como um subsistema interconectado a outros subsistemas, como educação, saúde e meio ambiente. Como segunda característica, é pensado como um projeto de desenvolvimento territorial sustentável a partir da própria comunidade. Uma terceira característica é a convivencialidade entre população originária residente (inclusive, não descartando os domiciliados não residentes, isto é, migrantes), com seus modos de vida próprios, e visitantes,



incrustada em um arranjo socioprodutivo de base territorial, fomentando redes de encadeamentos produtivos que se vale também de arranjos institucionais, nos quais os próprios visitantes contribuem para seu fomento.

Inclusive, o pesquisador Christian Henríquez, adiciona uma quarta, o que ele chama de cotidianidade. Ainda que possa ser um desdobramento da convivencialidade, mas merece destaque próprio. A noção de tempo produtivo é repensada, distanciando-se da lógica puramente econômica, na ocasião que o define como sendo remunerado, como que não fosse possível ter tempo produtivo com cunho social, realizado na comunidade.

3. Como o TBC se relaciona com o enfoque da ecossocioeconomia?

O termo ecossocioeconomia, por sua vez, emerge por meio da obra de Karl William Kapp (1963). A derivação do mesmo - ecossocioeconomia das organizações - pode ser mais bem compreendida no livro *Gestão que privilegia uma outra economia: ecossocioeconomia das organizações*, do Prof. Sampaio. Este pode ser interpretado como um esforço teórico e, sobretudo, empírico-metodológico de compreender experiências que abrangem o desenvolvimento territorial sustentável.

O que caracteriza o TBC é que os empreendedores são pessoas que se inspiram por ideais comunitários, territoriais, como populações tradicionais, afastando-se da lógica racional econômica de ganho puramente individual, privilegiando ganhos coletivos, como sugere o enfoque da ecossocioeconomia.

Os territórios que experimentam o TBC possuem uma preocupação significativa com aspectos relacionados ao patrimônio natural e cultural. Em alguns casos, acontecem de maneira paralela ou integram as experiências de TBC, cuja finalidade é de preservar a biodiversidade e conservar os modos de vida tradicionais.

Essas experimentações não se resumem em uma nova alternativa heterodoxa de turismo, e sim de experimentações que possibilitam pensar uma nova economia, ou seja, a ecossocioeconomia, por via de uma outra racionalidade e que vem acontecendo nos domicílios, nos grupos produtivos e nas comunidades, onde os problemas e suas soluções acontecem, e raramente são devidamente qualificados.



4. Quais experiências de TBC podemos citar, que vão de encontro a ecossocioeconomia?

As experiências que podem ser consideradas de TBC vêm chamando atenção, mesmo ainda que não tenham esta intenção, sobretudo pela capacidade potencial de municípios latino-americanos de implementarem uma atividade econômica de baixo investimento (de pequena escala), geradora de postos de trabalhos não especializados e de baixo impacto ambiental. Contudo, há poucas comunidades que vêm demonstrando capacidade de associativismo articulado, chamado por arranjo socioprodutivo de base comunitária, na América Latina.

As experiências pesquisadas que se destacam ou que se destacaram são: Prainha do Canto Verde (município de Beberibe, Ceará), Projeto Sana Ambiental (Macaé, Rio de Janeiro), Ecoturismo Comunitário na Amazônia Brasileira: Pousada Aldeia dos Lagos (Silves, Amazônia), Ação Ecológica Guaporé (Ecoporé): Pousada Pedras Negras (Curalinho, Rondônia), Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (Tefé, Amazonas), Grupo Calumbé (Comunidade de Lençóis, Chapada Diamantina, Bahia), Associação da Acolhida na Colônia (sede Santa Rosa de Lima, Santa Catarina), Rede de Agroturismo em Chiloé (Região Los Lagos, Chile), Rede de Turismo Rural Licanhuasi (sede San Pedro de Atacama, Região Atacamenha, Chile), Rede de Parques Comunitários Mapu Lahual (San Juan de la Costa, Região Los Lagos, Chile) e Consórcio Cooperativo Red Ecoturística Nacional – COOPRENA (Parque Nacional Manuel Antonio, Costa Rica).

5. Porque estas experiências de TBC se destacam como enfoque da ecossocioeconomia?

Nestas experiências pode-se verificar que a maioria está ou estava localizada em espaços naturais, podendo ser considerados Unidades de Conservação. Outro ponto a observar é que a gênese das experiências fica atrelada a projetos de finalidade socioambiental (de caráter sistêmico) e com a intenção deliberada de promover a atividade turística, mesmo se identificados com as modalidades tradicionais de turismo: turismo cultural, ecoturismo e agroturismo. Além disto, a iniciativa dos projetos conta quase sempre com o apoio institucional de Organizações não Governamentais ou Universidades.



Nos territórios que experimentam o TBC, existe uma preocupação significativa com aspectos relacionados ao patrimônio natural e cultural, cuja finalidade, como dito anteriormente, é de preservar a biodiversidade e conservar os modos de vida tradicionais.